

AGLOMERAÇÕES PRODUTIVAS: TIPOLOGIAS DE ANÁLISES E REPERCUSSÕES NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Gláucia M. Vasconcellos Vale*

RESUMO

O deslocamento, quanto ao foco dos estudos sobre competitividade, da empresa individual para um conjunto de empresas, vem ensejando, em todo o mundo, um grande volume de estudos e pesquisas. Insere-se aí a temática das aglomerações produtivas. A literatura corrente é ampla e diversificada, resultante de diferentes vertentes de reflexão. Cada uma delas é detentora de um conjunto de premissas e proposições teóricas próprias, e representa, muitas vezes, distintas janelas de percepção e de observação. O desconhecimento das diferenciações aí existentes tem levado muitos pesquisadores a incorrerem em erros de interpretação, utilização imprecisa de conceitos e pesquisas empíricas equivocadas. O presente artigo, fruto de uma intensa investigação, procura suprir tal deficiência. Apresenta, de maneira organizada e crítica, as principais correntes de reflexões existentes na área e elabora, a partir daí, uma tipologia de análises, baseando-se nas regras do pólo morfológico da pesquisa científica. Mostra, também, a crescente identidade entre a evolução do pensamento neste campo e os interesses dos analistas organizacionais.

ABSTRACT

A great bulk of research has recently sprung, in the realm of competitiveness studies, out of the shift in focus from the single enterprise to an aggregate of firms. It is germane to such a context, the very analytical foundation of the conceptions of industrial agglomerations. The pertinent underlying literature is rich, wide and diversified as a result of different streams of reflexion. The latter evolving from distinct windows of observation and perception and translated through singular sets of premises and derived theoretical statements. The researcher can only ignore such distinctiveness at her (his) own peril, facing the dangers of misinterpretation of concepts or faulty lines of research. These pitfalls, in turn, can be avoided by sound analytical foundation. This paper is such an attempt and contribution, as it brings to the fore, analytical typologies relevant to the field of studies, using the tools of morphological pole of scientific research. This is also accomplished by focusing methodically and critically upon the main streams of thought, as well as on their repercussions in the realm of organizational studies. It is also purported to show here the growing identity between the conceptual evolution in that realm and the prevailing interests of the organizational analysts.

*Profª PUC/MG

O foco de interesse das teorias organizacionais foi, por muito tempo, a unidade empresarial, considerada individualmente. As organizações são, aí, visualizadas como entidades autônomas, inseridas em um determinado ambiente. Tal proposição tornou-se, inclusive, base de referência para importantes trabalhos na área de estratégia empresarial e competitividade organizacional - ver, por exemplo, Andrews 1971 e Porter, 1980. Essa preocupação contrasta com abordagens mais recentes, que visualizam a empresa e sua capacidade competitiva da perspectiva de sua inserção e interação em um contexto organizacional mais abrangente, constituído por um grupo empresarial, uma rede de empresas, uma cadeia de suprimentos ou um determinado território. A literatura na área é ampla e diversificada, inserindo-se no escopo dos estudos sobre reestruturação produtiva e novas conformações organizacionais.

A partir da década de 1970 e, em especial, após 1990, ocorreu uma valorização das abordagens das redes, simultaneamente, nos meios acadêmicos e na prática empresarial. A propósito deste tema ver, por exemplo, Nohria & Eccles, 1992; Adler, 2001; Alvarez & Barney, 2001; Amato Neto, 2005; Paiva & Gonçalves, 2005; Pardini e Brandão, 2007; Vale, 2004c; 2006 a, b; 2007; Vale *et al.*, 2005; 2006; 2008. A grande proliferação do tema engendrou diferentes tipos de pesquisas, com distintas abordagens, e vem exigindo, inclusive, um esforço de sistematização e organização (ver, por exemplo, LOPES, 2004; BORGATTI & FOSTER, 2003). A valorização concomitante da temática do território, também, vem ensejando inúmeros trabalhos na área (ver, por exemplo, ÂNGELO *et al.*, 1995; VALE, 2002a,b; 2004 a,b; 2006 a; 2007; CARRIERI & PEREIRA, 2005).

Nesse contexto, situa-se, de maneira proeminente, o estudo das aglomerações produtivas. Essas conformações produtivas distinguem-se na literatura, constituindo um tipo particular de território, caracterizado por um conjunto de empresas de um mesmo setor de atividades, com uma atuação condicionada por fatores associados à proximidade física e às condições sociais, culturais e institucionais presentes no local. No caso, o território é tratado como um grande complexo produtivo e existe o reconhecimento que a competitividade das empresas aí presentes encontra-se associada à competitividade do próprio território. Este é visualizado como um espaço privilegiado de interação, cooperação e competição entre as empresas, passando a exigir uma abordagem diferenciada no âmbito dos estudos organizacionais. Tais temas vêm atraindo crescente atenção dos analistas organizacionais, o que tem gerado contribuições fundamentais e consolidado suas posições como importantes pilares de reflexão na área.

A dimensão local dos sistemas globais de produção tornou-se, em particular nas duas últimas décadas, alvo de crescente interesse, em todo o mundo. Essa preocupação com a dimensão regional ocorre em um momento no qual as tecnologias originárias da microeletrônica e da eletrônica digital revolucionam os processos e sistemas produtivos - gerando, inclusive, reduções significativas nos custos de transporte e de comunicação - e que o mundo avança em um acelerado processo de globalização e de organização de cadeias produtivas, no âmbito global. Tal fato parece, à primeira vista, constituir-se um paradoxo. Porém, a globalização, como salientado por Diniz "simultaneamente unifica e fragmenta espaços, com forte impacto na reestruturação das escalas produtivas" (2003:212). O fator regional passou a ser considerado, em todo o mundo, uma fonte importante de vantagens competitivas.

Renovou-se, nesse contexto, a preocupação com a identificação de fatores e condicionantes presentes em algumas localidades, capazes de gerar configurações produtivas com desempenho diferenciado, bem como surgiram novos aparatos teórico-conceituais. A literatura corrente é ampla e diversificada, com contribuições oriundas de várias áreas de conhecimento, e apresenta distintas vertentes de análise. Cada uma das vertentes alimenta-se, de maneira explícita ou não, de um conjunto de diferentes premissas e proposições teóricas, representando,

muitas vezes, distintas janelas de investigações. Tal é o caso, por exemplo, de conceitos robustos, como "arranjo" ou "sistema produtivo e inovativo local", explorado pela RedeSist¹ no Brasil, ou de "milieux inovadores", utilizado pelo grupo GREMI, na França, ou do "distrito industrial", amplamente usado pelos herdeiros diretos de Marshall, particularmente na Itália, ou da ênfase no conceito de "cluster", valorizado com os trabalhos de Porter.

O desconhecimento das diferenciações aí existentes tem levado analistas organizacionais a incorrerem em erros de interpretação, à utilização ambígua e imprecisa de certos conceitos e à realização de pesquisas empíricas equivocadas. Uma melhor compreensão das origens do pensamento na área, das reflexões que estão influenciando as várias vertentes de discussão corrente sobre aglomerações produtivas e dos impactos disso no contexto dos estudos organizacionais é de fundamental importância. Tais reflexões abrem promissoras perspectivas de construção de novos conhecimentos voltados para a temática da reestruturação produtiva, das novas conformações organizacionais e das novas formas de gestão que privilegiam a prática da cooperação e da competição no nível inter-organizacional. Permitem, também, avançar em temas hoje tão caros aos estudiosos das organizações: gestão territorial, governança local, redes territoriais, configurações institucionais, custos de transação e competitividade empresarial. A teoria das organizações possui um grande acervo de contribuições e um rico espaço para novas investigações.

O presente artigo, fruto de uma intensa investigação, procura suprir tal deficiência, ao apresentar, de maneira organizada, esclarecedora e crítica, as principais correntes de reflexão na área, mostrando as distintas concepções teóricas que se situam na origem de cada uma delas. Elabora-se, a partir daí, uma tipologia de análises sobre aglomerações produtivas, recorrendo às regras de pólo morfológico da pesquisa científica, como apresentado por Bruyne *et al.* (1977).

Para esses autores, as tipologias contribuem para a edificação de um quadro conceitual amplamente descritivo, com capacidade de generalizações empíricas; bem como representam um dos quatro pilares de análises em ciências sociais - ao lado dos "tipos ideais", "sistemas" e "estruturas-modelos". Como os demais, possuem três elementos fundamentais: "exposição, causalção e objetivação" (p. 159). Tais categorias serão utilizadas na organização dos conteúdos das principais correntes teóricas sobre aglomerações produtivas.

A elaboração de uma tipologia na área é de fundamental importância para os estudiosos das organizações, pois permite entender quais as reais conseqüências de escolhas teóricas prévias no âmbito de seus estudos e pesquisas. Ao longo da apresentação da evolução das contribuições teóricas, será possível observar como vai se ampliando o espaço e a influência dos teóricos organizacionais. À medida que a teoria avança no tempo, afastando-se do enfoque original, centrado em análises espaciais de fundamentação neoclássica, passando por uma preocupação mais dirigida às conformações produtivas e à organização industrial e chegando, finalmente, nas abordagens de natureza mais institucionalista, o papel dos analistas organizacionais vai tornando-se mais proeminente e relevante.

As Diferentes Visões na Construção de uma Tipologia

A tentativa de captar e sistematizar parte da ampla literatura que vem desaguando em algumas das principais vertentes correntes de investigação sobre aglomerações produtivas - distinguindo diferentes tipos de análise e elaborando, a partir daí, uma tipologia de análises - não é uma tarefa fácil. Um dos desafios é a dificuldade de caracterizar, de maneira inequívoca, algumas das principais linhas

¹ Rede de pesquisa interdisciplinar, sediada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e que conta com a participação de várias universidades e institutos de pesquisa no Brasil, América Latina, Europa e Ásia.

de influência teórica presentes em cada uma das abordagens, pois existe uma grande interpenetração entre elas. Existe, assim, o risco de se valorizar certos pontos ou atributos de uma determinada construção teórico-conceitual, em detrimento de outros, para permitir certa coerência analítica. Outro problema, parcialmente associado ao primeiro, diz respeito aos riscos de super simplificação, de omissão ou, mesmo, de valorização ou subestimação de algumas contribuições.

Tal iniciativa, no entanto, reveste-se de fundamental importância, pois permite sinalizar, ao analista organizacional, caminhos alternativos de investigação, tornando possível avançar com mais segurança em um espaço que solicita, cada vez mais, sua atenção. Distintas concepções teóricas situam-se na origem das vertentes correntes, como será visto a seguir.

A vertente neoclássica do desenvolvimento regional e a contribuição de Isard

A preocupação com os temas das conformações organizacionais e espaciais vem alimentando estudos no contexto da economia, da sociologia e da teoria das organizações. A temática da localização espacial das atividades produtivas atraiu, desde muito cedo, a atenção de pensadores econômicos, a começar por Ricardo. No entanto, a dimensão espacial do desenvolvimento ficou, ao longo de dois séculos que marcam a evolução do pensamento econômico, negligenciada, a despeito de algumas contribuições relevantes, geradas pela Escola Alemã.

Essa temática foi, em meados do século XX, introduzida, de forma intensa, na literatura, por meio dos trabalhos seminais de Walter Isard (1956, 1969). O autor resgatou e sintetizou a literatura passada - sobretudo as contribuições da geografia econômica alemã, com Von Thünen (1966), Lösch (1954) e Weber (1957) -; cunhou o termo *regional science* e avançou na área, buscando criar uma teoria geral do desenvolvimento e incorporando as demais disciplinas das ciências sociais.

Algumas das proposições aí geradas influenciaram, direta ou indiretamente, boa parte das reflexões posteriores. Entre seus herdeiros mais diretos situa-se Paul Krugman (1998), com sua teoria do comércio internacional. As novas teorias sobre especialização e comércio internacional buscam explicar a concentração geográfica de certas atividades produtivas, retomando o conceito de escala econômica, que afetaria a produção de bens finais e intermediários, e gerando um padrão desigual de dominação de mercado e de inserção internacional.

As reflexões clássicas sobre desenvolvimento, localização e distribuição das atividades produtivas, reformuladas e ampliadas por Isard, encontraram solo fértil nas análises econômicas. Tais concepções, inseridas no escopo da abordagem neo-clássica, são coerentes com a visão da empresa como um agente de otimização de lucros e com a visão do agente econômico como um decisor racional que busca, a todo momento, a melhor satisfação de suas necessidades.

As preocupações com o desenvolvimento e os desequilíbrios regionais

Muitos analistas, sobretudo no pós-guerra, embora reconhecendo a contribuição dos clássicos para a teoria do crescimento econômico, passaram, também, a compreender melhor as limitações e restrições do mercado e a observar as assimetrias e os desequilíbrios existentes no processo de crescimento. Incorporaram, progressivamente, em suas análises, outras concepções e preocupações, as quais caracterizaram a chamada "economia do desenvolvimento". Esta trouxe importantes reflexões e contribuições, sejam diretas ou indiretas, para o tema regional.

Diferentemente das doutrinas prévias de crescimento econômico que, de maneira explícita ou não, giravam em torno do mundo desenvolvido, esse conjunto teórico busca contrapor realidades contemporâneas, mas díspares, examinando as dinâmicas alternativas de desenvolvimento desses subsistemas e tra-

zendo como questões centrais de análise o subdesenvolvimento em contraposição ao desenvolvimento; a temática do crescimento em contraposição a temas como pobreza e dualidade; a problemática centro-periferia; as condições desiguais dos termos de troca no comércio internacional; as múltiplas dimensões de um processo de desenvolvimento etc.

Vários pensadores buscaram adotar uma visão mais holística e integrada dos processos econômicos. Entre eles, destacam-se, na linha do desenvolvimento espacial, mesclada com uma proposta de natureza regulacionista e intervencionista, Myrdal e Hirschman. Esses autores consideravam fundamental a intervenção do Estado, no sentido de conter as forças de mercado, que tenderiam, de outra maneira, a acentuar as desigualdades regionais.

Myrdal (1960) introduz o princípio da "causação circular e cumulativa", do qual derivam os conceitos de "círculo vicioso" e de "círculo virtuoso" do desenvolvimento, amplamente utilizados na literatura corrente. Hirschman (1984), também, traz inúmeras contribuições para a análise do desenvolvimento. Situa-se aí o princípio elaborado pelo autor do *backward and forward linkages* (efeitos a jusante e a montante).

As preocupações - de natureza acadêmica ou política - associadas ao tema do desenvolvimento regional, encontraram solo fértil na América Latina, com a criação da CEPAL, na década de 1940. Consolidaram-se em uma série de contribuições de diferentes autores, ao incorporar aspectos analíticos, históricos e, sobretudo, de política econômica e social. Seus pensadores defendem uma proposta de desenvolvimento sócio-econômico centrada nos temas da diversificação produtiva e da redução das desigualdades regionais, setoriais e sociais, via mobilização interna de recursos e utilização adequada do aparato institucional. Salientam, entre outras coisas, a importância do planejamento regional participativo, o caráter endógeno e localizado do processo de desenvolvimento e a necessidade de organização e de mobilização da sociedade local em prol de uma agenda de desenvolvimento e de defesa dos interesses coletivos.

Várias das questões vinculadas ao corpo teórico-conceitual da economia do desenvolvimento foram, de certa forma, introduzidas nas discussões e reflexões correntes sobre desenvolvimento como um processo endógeno, equilibrado e sustentável (ver, entre outros, SACHS, 2004; SEN, 2002; MEIER & STIGLITZ, 2002). Sobre a prática recente do desenvolvimento local no Brasil, ver, por exemplo, Paula, 2004; Vale (2002 a,b; 2004 a;b) e Fischer, 2002. Esta última autora coordenou um rico trabalho de reflexão e resgate de diferentes experiências e proposições associadas à temática da gestão do desenvolvimento local no Brasil.

A vertente institucionalista e suas distintas contribuições para a abordagem das aglomerações regionais

A escola designada "institucional" abriga, hoje, no seu interior, duas diferentes correntes teóricas, concebidas a partir de diferentes premissas. Por um lado, a corrente designada "neo-institucionalista" que, embora reconhecendo o papel relevante reservado às instituições nos sistemas econômicos, retoma vários dos pressupostos neoclássicos e repousa nos princípios da racionalidade econômica estrita. Por outro lado, a "nova economia institucional evolucionária", que busca resgatar os "velhos institucionalistas" do início do século XX, tentando cunhar idéias mais orgânicas e evolucionárias. Ambas apresentam contribuições relevantes para o estudo das organizações em geral e, em particular, para a abordagem da localização espacial e das aglomerações produtivas.

Os neoinstitucionalistas e a Teoria dos Custos de Transação

Como salientado por Grindle (2001), a perspectiva da neo-economia institucional procurou gerar uma compreensão mais abrangente sobre a forma

como contextos institucionais emergem, persistem e se alteram. Uma importante contribuição surgiu com as reflexões sobre formas de governança (mercado, hierarquia e modelos híbridos) e com a proposição de que toda troca envolve custos de transação. No contexto econômico, todo custo de transação - como, por exemplo, os associados à necessidade de obtenção de informações ou de controle de contratos - reduz a eficiência das relações de troca. Um dos expoentes desse tipo de análise é Williamson, com sua Teoria dos Custos de Transação (1975, 2005), que vem tendo profundas repercussões nos estudos organizacionais, em áreas como redes organizacionais, cadeias de suprimentos, *franchising* etc. Nesse contexto, a cooperação que se estabelece entre as empresas é captada e analisada no âmbito de uma noção estrita de racionalidade econômica. É entendida como uma forma encontrada por um ator racional - no caso, a empresa - para minimizar custos indesejáveis de transações que poderiam advir caso ele atuasse de maneira isolada e não cooperativa, no contexto de um ambiente hostil, dinâmico e imprevisível.

Segundo Williamson, as empresas, buscando minimizar os custos de transação relativos a fatores de produção especializados, seriam, de certa forma, induzidas a estabelecer uma fronteira ótima entre as atividades que controlam por meio de processos de integração e aquelas em que é preferível recorrer a transações no mercado. Firms e mercados são entendidos como formas alternativas de coordenação das atividades econômicas. Existem situações em que certas características e vantagens da "organização interna" em relação às "trocas realizadas no mercado" podem ser obtidas sem, necessariamente, a empresa tornar-se proprietária ou realizar qualquer tipo de verticalização. Nesse contexto, situam-se as chamadas formas híbridas de governança. Essas estruturas vão desde as mais formais - tais como contratos de fornecimento e *franchising* - até as mais informais, como, por exemplo, o compartilhamento de informações, o trabalho conjunto e a cooperação, passíveis de existir entre diferentes empresas, no contexto das redes empresariais. A produção passa a ser concebida como um conjunto específico de transações que requerem um arranjo organizacional adequado à sua realização, de forma mais eficaz. Ao longo do tempo, os agentes ajustam o formato de suas estruturas organizacionais, com o propósito de minimizar os custos de transação, gerando estruturas de governança específicas.

Embora Williamson não tivesse uma preocupação particular com a dimensão regional da análise, os conceitos associados à teoria dos custos de transação foram incorporados em várias vertentes de análise sobre aglomeração produtiva, em particular no contexto da corrente da organização industrial. A aglomeração produtiva competitiva é visualizada como um espaço territorial cujos atores produtivos distintos buscam a interação e a cooperação, visando reduzir seus respectivos custos de transação, no presente e no futuro, e gerando, a partir daí, uma dinâmica territorial própria.

O resgate de Schumpeter na proposta evolucionária dos Sistemas Nacionais de Inovação e em outras

A percepção de que o mundo está entrando em uma nova era, caracterizada por um novo paradigma tecnológico, baseado na microeletrônica e nas novas tecnologias de informação e comunicação, permeia as preocupações dos economistas evolucionários. No âmbito das nações, tal transição radical traz novas implicações para o processo de desenvolvimento, que dependerá não apenas de condições macroeconômicas, mas, sobretudo, de fatores organizacionais e culturais e da capacidade de adaptação e inovação das instituições locais. Entre seus expoentes, situa-se Lundvall (1988), com trabalhos seminais sobre mudança tecnológica e desenvolvimento organizacional.

Vários autores dessa vertente buscam inspiração em Schumpeter - a vinculação entre inovação e crescimento econômico -, mesclando com proposições de Simon - as noções sobre comportamento humano e organizacional - e a teoria

evolucionária de Darwin - conceito de ambiente e seleção natural. O pensamento de Schumpeter sobre o papel do empreendedor e a inovação situa-se na origem de vários estudos correntes sobre empreendedorismo (ver, por exemplo, METCALFE, 2003; VALE *et al.*, 2005, 2008). March & Simon (1958) questionaram a noção então dominante de racionalidade, demonstrando suas inúmeras limitações no contexto organizacional e cunhando o conceito de "racionalidade limitada". A influência de Darwin permitiu o nascimento de uma nova vertente de análise, caracterizada como "ecologia organizacional" (a propósito desse assunto, ver os pioneiros, HANNAM & FREEMAN, 1977)

A associação desses pensamentos gerou uma nova concepção para a temática do crescimento e da competitividade. As correntes associadas à temática do Sistema Nacional de Inovação situam-se nesse contexto. Aí surgiu conceito de "arranjos" ou "sistemas produtivos e inovativos locais" (APL ou SPIL), os quais se caracterizam como conjuntos de agentes econômicos, políticos e sociais, localizados em um mesmo território, que desenvolvem atividades econômicas correlatas e apresentam vínculos expressivos de produção, interação, cooperação e aprendizado. Tais sistemas, segundo a RedeSist, seriam resultantes da evolução histórica, vinculada a um processo de formação da própria identidade do território onde se inserem. São caracterizados, também, por uma dimensão territorial; por um escopo de diferentes atividades e distintos atores econômicos, políticos e sociais aí presentes; pela presença de conhecimento tácito; por processos de inovação e aprendizagem interativos; pela presença de mecanismos de coordenação das atividades (governança); e por um certo grau de enraizamento (*embeddedness*) das atividades na comunidade local (RedeSist, 2004). Um dos mais bem sucedidos exemplos dessa nova abordagem encontra-se no aparato teórico-conceitual, de grande valor prescritivo, desenvolvido pelo grupo RedeSist, sediado na UFRJ.

Essa escola distingue-se por seu esforço de compreensão dos impactos do processo de inovação tecnológica, do conhecimento tácito e do aprendizado interativo no desempenho de um sistema produtivo e pela ênfase na concepção de um conjunto de medidas prescritivas capazes de estimular o desenvolvimento (ver, por exemplo, CASSIOLATO & LASTRES, 2003; LASTRES *et al.*, 2005). Os estudos empíricos promovidos por tal escola encontram-se em plena evolução, inclusive no Brasil, gerando um rico e diversificado conjunto de referências para o tratamento do tema da inovação, da competitividade e do desenvolvimento em diferentes contextos regionais e espaciais.

Mas a influência marcante de Schumpeter também se faz sentir em uma outra vertente teórica, associada a um conceito desenvolvido pelo *Groupe de Recherche Européen sur les les Milieux Innovateur* (GREMI), que reúne analistas regionais, sobretudo da França, Itália e Suíça, destacando-se, entre outros, Aydalot (1996) e Maillat (1995). Esse grupo cunhou o conceito de *milieux innovateurs* (meios ou ambientes inovadores), dirigindo seu foco de atenção para a análise das externalidades de natureza tecnológica decorrentes dos vínculos de cooperação e interdependência existentes entre diferentes atores localizados em um determinado ambiente, levando em consideração não apenas as relações econômicas aí presentes, mas, também, as culturais, psicológicas e sociais.

Destaca-se, no contexto deste tipo de análise, o papel desempenhado pelo ambiente ou meio – ou seja, pelo *milieu*, no sentido mais amplo do termo, representando o conjunto de elementos de natureza material, imaterial e institucional – no processo de desenvolvimento tecnológico e de estruturação e desenvolvimento de um determinado território.

A influência de Schumpeter nas contribuições de Perroux

Muitas das concepções de François Perroux, associadas à sua teoria do pólo de crescimento, foram incorporadas nas abordagens correntes. A "indústria motriz", segundo Perroux (1967), não apenas aporta sua contribuição para o crescimento global do produto, mas, também, induz em seu ambiente um crescimento

que pode ser atribuído às relações que estabelece com as “indústrias movidas”. Os pólos industriais complexos podem modificar não só o seu “meio geográfico imediato”, como, também, a estrutura econômica nacional a eles associada. Nesses pólos, onde existem aglomerações industriais e urbanas, ocorre o fenômeno de intensificação das atividades econômicas, pelo surgimento e encadeamento de novas necessidades coletivas, sejam baseadas em relações mercantis (*traded*) ou, então, em conexões de natureza não mercantil (*nontraded*). As concepções de Perroux marcaram profundamente as propostas de desenvolvimento nos anos seguintes, influenciando, inclusive, a formação da União Européia e de suas concepções sobre políticas e estratégias de gestão institucional e territorial.

A vertente herdeira das tradições marshallianas nos distritos industriais e na organização industrial

Observando as configurações industriais do século XIX na Inglaterra, Marshall (1972) sugeriu que a acumulação e concentração local de conhecimentos, habilidades e *know how* eram capazes de criar um tipo de “atmosfera” industrial favorável, gerando benefícios econômicos e difundindo inovação. Discorrendo sobre as vantagens da concentração de indústrias especializadas em determinadas localidades, o autor salienta que “se alguém lança uma nova idéia, esta é seguida por outros, que a combinam com novas sugestões, tornando-se, então, fonte de mais novas idéias” (MARSHALL, 1972:225).

Várias das reflexões correntes sobre região vão buscar em seus trabalhos referências para avaliação das externalidades locais que favorecem a concentração geográfica das atividades econômicas e inovativas. Nesse contexto, alguns conceitos são fundamentais; entre eles situa-se o de “economia externa”. Para Smith (1970:73), economias externas derivadas da aglomeração de empresas de uma mesma base industrial podem funcionar com um fator de redução de custos. Tais economias são derivadas, por exemplo, da presença de sistemas de marketing e pesquisas comuns ou da existência de prestadores de serviços de apoio, tais como reparação de máquinas e equipamentos. Na prática, a decisão de localização não pode ser divorciada do tema da escala de produção.

As reflexões de Marshall foram resgatadas em pelo menos duas diferentes abordagens para o tema da localização: i) os vários trabalhos na área da organização industrial, no qual pode-se incluir não apenas o chamado “Grupo da Califórnia”, como também os trabalhos de Porter e ii) os estudos sobre os distritos industriais, elaborados a partir, inicialmente, de observações de experiências na Itália.

A corrente da organização industrial

No primeiro grupo, bastante diversificado, herdeiro de influências variadas - inclusive da geografia econômica e da sociologia - incluiu-se a corrente que enfatiza as relações entre inovação técnica, organização industrial e localização e a noção dos “novos espaços industriais” ou a visão das regiões como sistemas de ativos físicos dotados de sinergia (a exemplo de SCOTT & STORPER, 2003). Para Storper (1997), por exemplo, uma região deve ser vislumbrada não somente como o resultante de um processo econômico e político, mas, também, como uma unidade fundamental da vida social no capitalismo contemporâneo.

No segundo grupo de investigações sobre organização industrial e competitividade empresarial, destacam-se os trabalhos de Porter (2003), resultantes da associação entre economia industrial e reflexões sobre estratégias corporativas. As preocupações em torno da temática da organização industrial representam, hoje, um corpo sólido e bem estruturado de doutrinas e propostas. Porter buscou algumas proposições fundamentais e as incorporou nas análises correntes sobre estratégia e competitividade empresarial. Como resultante, inse-

re, no cerne das reflexões sobre os fundamentos da estratégia competitiva, a noção de estrutura do setor.

O autor reconhece que existem duas causas distintas, as quais modelam o desempenho de uma determinada empresa: i.) a estrutura do setor onde a empresa se insere, caracterizando as regras prevalentes de competição; e ii.) a posição relativa da empresa no setor, que se constitui na fonte de vantagens competitivas. Esse autor, ao buscar identificar os fatores condicionantes das vantagens competitivas das nações, das regiões e empresas, recorre ao conceito de "cluster".

Para Porter (1999:103), os *clusters* (ou seja, os grupos, agrupamentos ou aglomerações) seriam concentrações geográficas de empresas de determinado setor de atividade e empresas correlatas", podendo incluir instituições, governamentais ou não, como universidades, entidades normativas, etc." Considera que o mapa econômico do mundo encontra-se, atualmente, dominado por este tipo de agrupamento, e os exemplos mais conhecidos seriam o Vale do Silício - com a indústria eletroeletrônica - e Hollywood - com a indústria do cinema - ambos localizados na Califórnia, EUA. Salienta que tal configuração produtiva é uma característica marcante de praticamente todas as economias, em particular dos países mais desenvolvidos.

Para esse autor (1999: 100), "as vantagens competitivas duradouras em uma economia globalizada dependem, cada vez mais, de fatores locais". Aí se incluem o conhecimento, os relacionamentos, a motivação e outros, os quais os concorrentes localizados geograficamente mais distantes não teriam como usufruir. Os *clusters* afetam a capacidade de competição de três maneiras distintas: i.) aumentando a produtividade das empresas aí presentes; ii.) indicando e sugerindo a tendência da inovação; iii.) estimulando a criação de novas empresas na região. O autor reconhece que a solução do aparente paradoxo - advindo da importância imputada a fatores locais em uma economia global - demonstra a maneira como as empresas criam, continuamente, vantagens competitivas. Salienta que "o que acontece dentro de uma empresa é importante, mas os *clusters* mostram que o ambiente empresarial fora das empresas também desempenha um papel vital" (1999:101).

Considera o autor que "os *cluster* promovem tanto a concorrência como a cooperação" (1999: 102). Sua noção de competitividade associa, em geral, a presença, por um lado, de um elevado grau de competição entre firmas rivais - presentes em um dado território - e, por outro, de colaboração entre distintos elos da cadeia produtiva. Nesse contexto, a competitividade regional advém da convivência entre a concorrência e a cooperação, na exploração das competências locais.

Os trabalhos de Porter repercutiram positivamente no âmbito dos estudos organizacionais, ajudando no deslocamento do foco de interesse da empresa, individualmente, para certos tipos de territórios, caracterizados como "clusters". Trouxe contribuições relevantes para uma melhor compreensão das associações entre desempenho empresarial, estrutura industrial, competição, estratégia, cooperação e competitividade; temas de grande interesse dos analistas organizacionais.

A corrente dos distritos industriais

De acordo com Pyke *et al.* (1990), os distritos industriais são caracterizados por um grande número de firmas envolvidas em vários estágios e em várias vias de produção de um bem homogêneo, aproximando-se, assim, do conceito que ficou conhecido como distrito marshalliano. Mas, diferentemente das concepções tradicionais, essas novas concepções apresentam a vantagem de incorporar, em suas análises, o conceito de produção flexível, além de uma avaliação das sinergias aí geradas como resultantes não apenas de relações mercantis, mas, também, de aspectos culturais, sociais e históricos comuns, presentes naquele território.

Becattini (1994) é um dos precursores dessa abordagem. Seu grupo em Florença iniciou um trabalho de organização sistemática do conceito do distrito

industrial marshalliano, baseando-se não apenas em características econômicas (externalidades geradas por divisão de trabalho) como, também, em bases sócio-culturais. Os distritos industriais italianos, localizados na região da Emília Romana, chamaram, inicialmente, a atenção pela capacidade competitiva de suas pequenas empresas, voltadas, em geral, para produção de bens considerados tradicionais. A vantagem destas regiões não era derivada de baixos custos de salário, mas, sim, da capacidade de especialização e interação existente no interior das aglomerações.

Segundo Piore & Sabel (1984), as empresas, quando se especializam em determinadas atividades específicas da produção, são capazes de responder à demanda de maneira muito flexível, lançando mão de técnicas de produção "similares àquelas associadas aos novos setores manufatureiros das indústrias de produção de massa". O mundo contemporâneo é palco de uma grande transformação no sistema de produção, caracterizado pela presença de uma "especialização flexível", resultante da combinação de métodos artesanais de produção com equipamentos sofisticados e flexíveis, capazes de atender, de maneira mais ágil, à demanda. Dois fenômenos sinalizavam para tal transformação: por um lado, o fato das grandes corporações estarem passando por um processo intenso de descentralização e de enxugamento de níveis hierárquicos, dotando gerentes subalternos com capacidade de decisão e ação; por outro, a crescente organização de empresas menores em núcleos produtivos, as quais lembravam os distritos industriais compostos por oficinas artesanais dotadas de grande flexibilidade, existentes no século XIX, à época de Marshall.

Várias das concepções originais de Piore e Sabel encontraram ampla ressonância na literatura corrente sobre organização produtiva, especialização territorial e competitividade, o que vem gerando um grande conjunto de seguidores e a proliferação de um rico e diversificado acervo de natureza empírica, inclusive no contexto dos estudos organizacionais. Realçam-se temas associados aos benefícios advindos da economia de escala e ao escopo da produção flexível via especialização, terceirização empresarial e cooperação organizacional.

A influência da sociologia econômica

A temática das interações e das redes permeia, em maior ou menor grau, várias das abordagens sobre aglomerações produtivas. A sociologia econômica vem se destacando na concepção de um rico referencial analítico que se utiliza do conceito de redes, sendo de particular importância as concepções associadas ao "enraizamento" ou *embeddedness* (GRANOVETTER, 1985, 2005). Na origem da definição de *embeddedness* encontra-se Polanyi (1985). Esse autor, analisando a organização econômica da sociedade, salientou que tanto a antropologia, como a sociologia e a história, cada uma delas com seu estudo do lugar ocupado pela economia na sociedade humana, foram confrontadas com uma grande variedade de instituições outras que o mercado, nas quais o estilo de vida do homem encontrava-se *embeddebed*.

Granovetter reformulou o conceito de Polanyi e foi o responsável pela sua incorporação e ampla repercussão nas ciências sociais em geral, influenciando a sociologia, a antropologia, a economia e, em particular, a teoria das organizações. Para o autor, as instituições e as transações econômicas encontram-se enraizadas (*embedded*) em redes sociais e não podem ser analisadas e avaliadas abstraindo-se de suas raízes sociais. O conceito de *embeddedness*, como concebido originalmente por Granovetter, não realça, de maneira particular, as dimensões espaciais da relação. Tal associação foi ficando mais proeminente com o tempo, devido a correlações, à primeira vista óbvias, entre proximidade física, identidade cultural e emocional. Pode-se afirmar que o conceito de *embeddedness* territorial encontra forte sintonia com concepções prévias, provenientes da economia regional ou em estudos das aglomerações produtivas, como explicitadas por Perroux ou Marshall.

Várias das investigações correntes sobre aglomerações produtivas incorporaram ou estão incorporando esse conceito. Alguns dos expoentes das abordagens sobre distritos industriais e sobre sistemas produtivos e inovativos locais vêm se utilizando do conceito de *embeddedness*, a exemplo de Malerba (2005). A vertente da geografia econômica, associada à Escola Californiana, passou, a partir da década de 1990, a utilizá-lo em suas análises. A discussão sobre *embeddedness* territorial vem provocando o surgimento de um grande conjunto de estudos e pesquisas, com resultados, algumas vezes, contraditórios, se comparados entre si. Alguns autores vêm salientando, por exemplo, que um forte conteúdo de *embeddedness* local pode ser uma fonte de inovação e de competitividade (ver, por exemplo, Sayer, 2000). Outros, por outro lado, salientam seus efeitos negativos, mostrando que tal fato pode ser danoso para o território, podendo funcionar como um fator de bloqueio e fechamento (Grabher, 1993). As concepções sobre *embeddedness* enriqueceram as análises sobre aglomerações produtivas, provocando inúmeros estudos e pesquisas e um rico e variado acervo de reflexões e descobertas, em franca evolução, com repercussões significativas nos estudos organizacionais.

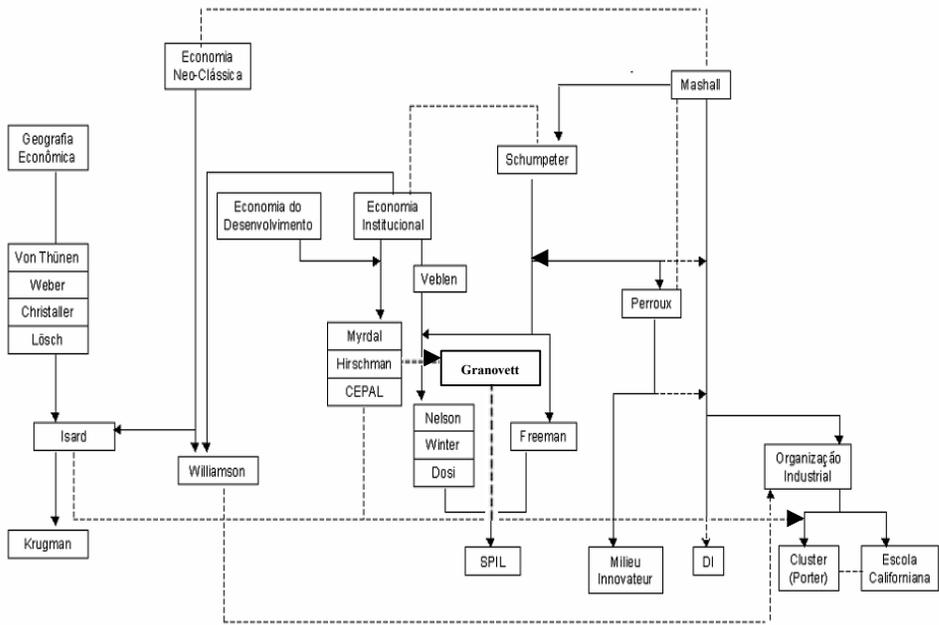
Conclusão: a construção de uma tipologia

Como visto, as abordagens correntes foram capazes não só de resgatar e consolidar proposições e conceitos derivados de diferentes blocos teóricos, como, também, de ir além, forjando um conjunto original de concepções e propostas para tratamento das aglomerações produtivas, desenvolvimento local e competitividade empresarial. Pode-se observar que existe uma grande interpretação e influência recíproca entre as várias abordagens, apesar de algumas divergências internas, geradas, sobretudo, pela presença de diferentes pressupostos e premissas.

Como elementos salientes nas análises correntes, situam-se: a concepção do crescimento e do desenvolvimento como um processo de natureza endógena; uma íntima associação entre as competitividades empresarial e regional; a vinculação da competitividade nacional a padrões de configuração espacial da atividade produtiva; a importância das conformações organizacionais; a relevância das instituições em geral; o reconhecimento do papel da governança; a ênfase na inovação e no aprendizado como motores do progresso; o papel das economias de aglomeração; a importância dos fatores locais, inclusive de natureza intangível, para a criação de um ambiente propício à inovação; a ampliação do escopo da análise para além da dimensão econômica e do conceito de racionalidade estrita; a relevância das interações, inclusive de natureza não mercantil, entre os agentes produtivos; e a inserção do local na lógica das cadeias produtivas em âmbito global.

A figura 1 retrata a evolução e a situação atual das principais correntes de pensamento que vão desaguar na temática das aglomerações produtivas, segundo a linha de investigação aqui adotada. Como pode ser observado, existem três grandes conjuntos mais integrados de reflexão: conjunto de inspiração neoclássica; conjunto de inspiração neoschumpeteriana; conjunto de inspiração neomarshalliana.

Figura 1 - Principais Correntes Teóricas na Análise de Aglomerações Produtivas



Observando-se as conexões e interações existentes entre os elementos presentes nesses conjuntos, nota-se que as mesmas deságuam em sete blocos distintos de reflexões e concepções teóricas. Cada um desses blocos ocupa uma posição ou um determinado espaço conceitual. A caracterização dos diferentes espaços permite elaborar uma tipologia de análises sobre aglomerações produtivas. Na apresentação dessa tipologia, é útil recorrer às regras de pólo morfológico da pesquisa científica, como apresentado por Bruyne *et al.* (1977).

Como visto, para esses autores, as tipologias possuem três elementos fundamentais: “exposição, causação e objetivação” (pág. 159). Tais categorias serão utilizadas, a seguir (quadro 1), com o propósito de organizar os conteúdos, elementos básicos, proposições e repercussões das sete correntes teóricas contemporâneas. São apresentados, também, exemplos de pesquisas possíveis e a posição dos analistas organizacionais em cada uma das posições identificadas.

Quadro 1- Tipologias de Análises sobre Aglomerações Produtivas segundo as Regras do Pólo Morfológico, Exemplos de Investigações e Posição dos Analistas Organizacionais

Exposição	Causação	Objetivação	Exemplos de investigações	Posição dos analistas
1. Inspiração neoclássica	Racionalidade estrita, homo economicus, papel do mercado, a empresa como função de produção, especialização territorial	Economias regionais: concentração produtiva, escala e especialização, inserção internacional, vantagens comparadas	Inserção no mercado internacional de uma determinada região dotada de especialização produtiva	Ausentes
2. Inspiração institucional e influência neoclássica	Racionalidade estrita, homo economicus, papel das instituições e dos contratos, empresa como estrutura de governança	Redes empresariais/ territoriais e cadeias de suprimentos: teoria dos custos de transação, formas de governança: firma, mercado, formas híbridas (redes), eficiência produtiva	Estruturas de governança derivadas de aglomerações, uso de redes como estratégia de redução de custos de transação	Presentes com amplo espaço de contribuições
3. Inspiração institucional e influência evolucionária	Racionalidade limitada, papel das instituições, inovação e evolução, empresa como <i>locus</i> de interação e aprendizado, fatores intangíveis	Sistemas produtivos e inovativos locais: conhecimento tácito, inovação como processo coletivo de construção social	Capacidade de inovação e presença de interações e aprendizado coletivo dentro de um APL	Presentes com amplo espaço de contribuições
4. Inspiração schumpeteriana e influências da organização industrial	Territórios inovadores como <i>locus</i> de interações, aprendizados, externalidades e sinergias	Milieux innovateur: dinâmicas e externalidades de natureza tecnológica derivadas de interações e interdependências	Capacidade de interação, inovação, externalidades e sinergias existentes em um determinado meio/rede	Presentes com pequeno espaço de contribuição
5. Inspiração da organização industrial	Externalidades positivas derivadas de aglomerações, empresa como <i>locus</i> de interação, especialização, cooperação e aprendizado	Distritos industriais: especialização e complementariedade, economias de aglomeração, sistemas de produção flexível.	Escala de produção e capacidade de especialização e cooperação das empresas do distrito	Presentes com amplo espaço de contribuições
6. Inspiração da organização industrial com reflexões s/ estratégias corporativas	Externalidades positivas derivadas de aglomerações, importância do ambiente/ setor industrial, a empresa/ região competitiva, o papel das estratégias	Cluster: competição e cooperação na cadeia produtiva, posicionamento e competitividade, vantagens comparativas sustentáveis	Identificação das forças competitivas e estratégias das empresas de um <i>cluster</i>	Presentes com amplo espaço de contribuições
7. Inspiração da economia industrial e influências variadas	Regiões como sistemas de ativos físicos dotados de sinergia, como unidades fundamentais da vida social no capitalismo contemporâneo	Territórios produtivos (escola californiana): as interações entre condições naturais, tecnológicas, sistema econômico, estruturas sociais e demográficas	Análises regionais envolvendo variáveis físicas, naturais, sociais, culturais, históricas, e econômicas.	Presentes com algum espaço de contribuição

Como pode ser observado, os analistas organizacionais possuem campo fértil de contribuições, em particular, nas posições de número 2, 3, 5 e 6. Salienta-se, no entanto, que em cada uma delas existe um determinado escopo de possibilidades de abordagens e enfoques, em função dos respectivos conceitos e pressupostos inerentes. Para pesquisadores interessados, por exemplo, na temática

das estruturas de governança, a investigação poderá focar aspectos da cooperação empresarial capazes de reduzir os custos de transação, incrementando a competitividade da região. Tal preocupação insere-se no corpo teórico-conceitual da teoria neoclássica de inspiração institucional, que vem desaguar no tipo 2.

Os pesquisadores mais identificados com a vertente dos sistemas produtivos e inovativos locais, que se insere no escopo das reflexões da nova economia institucional evolucionária (tipo 3), poderão dirigir suas investigações para a importância do conhecimento tácito, da capacidade de inovação e de interação entre as empresas e organizações presentes no território, para a observação de como são geradas novas rotinas, capazes de modificar, inclusive, as instituições e o padrão produtivo regional.

Já o pesquisador da vertente dos distritos industriais, de inspiração marshalliana (tipo 5) demonstrará uma maior preocupação com os temas da especialização flexível, da terceirização, da complementariedade e da escala produtiva e suas repercussões no diferencial competitivo do território. Estrategistas organizacionais poderão se interessar mais pelo tipo número 6, pois terão oportunidade de abordar temas de grande interesse das corporações, explorando as interfaces entre competitividade empresarial, industrial e territorial.

Todos os temas acima são de particular importância no mundo atual, em que o coletivo sobrepe-se ao individual e o local projeta-se na lógica da competição global. Nesse contexto, um território competitivo pode ser vislumbrado e tratado como um grande complexo produtivo, no qual as empresas convivem, interagem, cooperam e competem, distinguindo esse espaço do resto do mundo. Os analistas e teóricos das organizações vêm enriquecendo e ampliando o escopo de conhecimentos e de boas práticas na área. Mas existe ainda muito terreno a ser conquistado.

Referências

- ADLER, P. S. Market, hierarchy and trust: the knowledge economy and the future of capitalism. *Organization Science*, v.12, p.215-234, 2001.
- ALVAREZ, S.A.; BARNEY, J.B. How entrepreneurial firms can benefit from alliance with large partner. *Academy of Management Executive*, v.15, n.1, p.139-148, 2001.
- AMATO NETO, J. (Org.). *Redes entre organizações*. São Paulo: Atlas, 2005.
- ANDREWS, K. *The concept of corporate strategy homework*. New York: Irwin, 1971.
- ANGELO, J A; OTONI, M. N.; CARRIERI, A. P. *Sistemas de microbaciais hidrográficas*. São Paulo, Instituto de Economia Agrícola, manual, 1995
- AYDALOT, P. *Milieux innovateurs en Europe*. Paris: GREMI, 1996.
- BAUM, J. A C. Ecologia organizacional, In: Clegg, S. R.; Hardy, C.; Nord, W. R., *Handbook de estudos organizacionais*, Editora Atlas, São Paulo, 1999 p. 137-195
- BECATTINI, G. O distrito marshalliano: uma noção socioeconômica. In: BENKO, G.; LIPIETZ, A. *As regiões ganhadoras: distritos e redes – os novos paradigmas da geografia econômica*, Oeiras, Portugal: Celta, 1994.
- BORGATTI, S. P.; FOSTER, P.C. The network paradigm in organizational research: a review and typology, *Jornal of Management*, v. 29. n. 6, p. 991-1031, 2003.
- BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- CARRIERI, A. P.; PEREIRA, D. C., Movimentos de desterritorialização e reterritorialização na transformação das organizações, *RAE Eletrônica*, v. 4, n. 1, 2005.

CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRES, H.M.M.; CASSIOLATO, J.E., MACIEL, M. (Ed.). *Pequenas empresas: cooperação e desenvolvimento local*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

DINIZ, C. C. Globalization, territorial scales and technology policy in Brazil. In: CASSIOLATO, J.E.; LASTRES, H.M.M.; MACIEL, M.L. *Systems of innovation and development: evidence from Brazil*. Bodmin, Cornwall: MPG Books, 2003.

FISCHER, T. Poderes locais, desenvolvimento e gestão: introdução a uma agenda. In: FISCHER, T. (Org.). *Gestão do desenvolvimento e poderes locais: marcos teóricos e avaliação*. Salvador: Casa da Qualidade, 2002. p.12-32.

GRABHER, G. (Ed.). *The embedded firm: on the socio-economic of industrial networks*. London/New York Routledge, 1993.

GRANOVETTER, M. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, v.91, p.481-510, 1985.

GRANOVETTER, M. The impact of social structure on economic. *The Journal of Economic Perspectives*, v.19, n.1. p.33-50, 2005.

GRINDLE, M. The new political economy: positive economics and negative politics. In: MEYER, G. (Ed.). *Politics and policy making in development countries*. Perspectives in new political economy. San Francisco: International Center for Economic Growth-ICS, 2001.

HANNAM, M. T., FREEMAN, J. The population ecology of organizations, *American Journal of Sociology*, v. 82, p. 149-164, 1977.

HIRSCHMAN, A.O. A dissenter's confession: the "strategy of economic development" revised. In: MEIER, G.M.; SEERS, K. *Pioneers in development*. Washington: World Bank, 1984. p.85-118.

ISARD, W. *General theory: social, political, economic and regional*. Cambridge: M.I.T., 1969.

ISARD, W. *Location and space economy: a general theory relating to industrial location, market areas, land-use, trade and urban structure*. Cambridge: M.I.T., 1956.

KRUGMAN, P. *Development, geography and economic theory*. Massachusetts: M.I.T., 1998.

LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J.; ARROIO, A. *Sistemas de inovação e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: UFRJ/Contraponto, 2005.

LOPES, H. E. G. Theoretical reflections about the concept of social networks, *RAC*, v.8, n.1, jan./mar, p. 179-200, 2004.

LÖSCH, A. *The economy of location*. New Haven: Yale University, 1954.

LUNDVALL, B. *Innovation as an interactive process: from user-production interaction to the national system of innovation*. In: DOSI, G. (Ed.). *Technical change and economic theory*. London: Pinter, 1988.

MAILLAT, D. Milieux innovateur et dynamique territoriale. In: RALLET, A.; TORRE, A. (Coord.). *Économie industrielle et économie spatiale*. Paris: Economica, 1995. p.211-239.

MALERBA, F. Industrial dynamic and innovation: progress and challenges. In: CONFERENCE OS EUROPEAN ASSOCIATION FOR RESEARCH IN INDUSTRIAL ECONOMICS, 32., 2005, Porto Rico. *Proceedings...* Porto Rico, 2005.

MARCH, J. G.; SIMON, H. A (1958): *Organizations*, New York, John Wiley & Sons.

- MARSHALL, A. *The principle of economics*. London: Macmillan, 1972.
- MEIER, G. M.; STIGLITZ, J. E. (Ed.). *Frontiers of economic development: the future in perspective*. New York: Oxford University, 2002
- METCALFE, J.S. *The entrepreneur and the style of modern economics*. Seminário: Brazil on development, 2003, Rio de Janeiro. Textos... Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- MYRDAL, G. *Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1960.
- NOHRIA, N.; ECCLES, R. (Ed.). *Networks and organization: structure, forms and action*. Boston: Harvard Business School, 1992.
- PAIVA JUNIOR, F.; GONÇALVES, C. A., MELO, S. B. de. Empreendedorismo e Relacionamento: um composto de confiança e adaptabilidade. EGEPE- IV Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, *Anais*, 2005.
- PARDINI, D. J., BRANDÃO, M. M. Competências empreendedoras e sistemas de relações sociais: a dinâmica dos construtos na decisão de empreender nos serviços de fisioterapia. Rio de Janeiro: XXXI EnANPAD, *Anais*, 2007.
- PAULA, J. de. Territórios, redes e desenvolvimento. In: LAGES, V.; BRAGA, C.; MORELLI, G. *Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva*. Brasília: Relume Dumará, 2004. p.73-84.
- PERROUX, F. *A economia do século XX*, Lisboa, Liv. Moraes, 1967
- PIORE, J.M.; SABEL, C.R. *The second industrial divide: possibilities for prosperity*. New York: Basic Books, 1984.
- POLANYI, K. The economy if instituted process. In: GRANOVETTER, M.; SWEDBERG, R. (Ed.). *The sociology of economic life*. Boulder, San Francisco: Westview, 1985.
- PORTER, M.E. Clusters e competitividade. *HSM Management*, v. 15, julho- agosto 1999.
- PORTER, M. E. *Competitive strategy*, New York, Free Press, 1980.
- PORTER, M.E. The economic performance of regions. *Regional Studies*, v.37, n.6. p.549-578, Aug./Oct. 2003.
- PYKE, F.; BECATTINI, G.; SENGENBERGER, W. *Industrial districts and inter-firms cooperation in Italy*. Geneve: International Institute for Labor and Studies, 1990.
- REDESIST, *Glossário de arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais*, quarta edição, nov. 2004
- SACHS, I. *Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond Univesitária, 2004.
- SAYER, A. *Markets, embeddedness and trust: problems of polysemy and idealism*. Lancaster, LA: Lancaster University/Departament of Sociology, 2000.
- SCOTT, A. J.; STORPER, M. Regions, globalization, development. *Regional Studies*, v.37, p.569-593, Aug./Oct. 2003.
- STORPER, M. *The regional word: territorial development in a global economy*. New York: The Guilford, 1997.
- SEN, A. K. What is development about . In: MEIER, G.M.; STIGLITZ, J.E. (Ed.). *Frontiers of economic development: the future in perspective*. New York: Oxford University, 2002. p.506-513.

- SENGENBERGER, W.; PYKE, F. (Ed.). *Industrial districts and local economic regeneration*. Geneve: International Institute for Labour and Studies, 1992.
- VALE, G. M. V. Cluster: desafios e oportunidades. *Revista Sebrae*, n. 3, 2002a.
- VALE, G. M. V. Un nuevo paradigma de desarrollo microrregional: el caso de Araxá y el circuito da Serra da Canastra em Minas Gerais. In: SEMINÁRIO DESARROLHO LOCAL Y REGIONAL EN AMERICA LATINA, 2002, *Anais ...* Equador, ONU/CEPAL/ILPES, 2002b.
- VALE, G. M. V. Reinventando o espaço para a construção de territórios competitivos. In: LAGES, V., BRAGA, C., MORELLI, G. *Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva*. Brasília: Relume Dumará, 2004a, p. 301-323.
- VALE, G. M. V. *Conectividade, competitividade e desenvolvimento*. Curitiba: Enanpad, 2004b.
- VALE, G.M.V. Empreendedores coletivos em redes organizacionais: novos agentes gerando um padrão diferenciado de competitividade. Curitiba: XXVIII ENANPAD, *Anais*, 2004c.
- VALE, G. M. V.; WILKINSON, J.; AMANCIO, R. *O empreendedor como um artesão de redes e artífice do crescimento econômico*. Brasília: Enanpad, 2005.
- VALE, G. M. V. Laços como ativos: uma nova abordagem para o desenvolvimento territorial, *Revista de Desenvolvimento Econômico*, n. 14, 2006a. p. 34-42.
- VALE, G. M. V. *Laços como ativos territoriais: análise das aglomerações produtivas na perspectiva do capital social*, tese de doutorado, UFLA, 2006b.
- VALE, G. M. V. AMÂNCIO, R., LIMA, J. B. Criação e gestão de redes: uma estratégia competitiva de empresas e regiões, *Revista de Administração de Empresas*, v. 41, n. 2, 2006.
- VALE, G. M. V. *Territórios vitoriosos: o papel das redes organizacionais*, Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- VALE, G. M. V. Amâncio, R.; Wilkinson, J. Empreendedorismo, inovação e redes: uma nova abordagem, *RAE Eletrônica*, v. 7, n.1, art. 7, jan./jun. 2008
- VON THÜNEN, J. H. *The isolated state*. New York: Pergamon, 1966.
- WEBER, A. *Theory of location of industries*. Chicago: University of Chicago, 1957
- WILLIAMSON, O. E. *Markets and hierarchies: analysis and antitrust implications*. New York: The Free Press, 1975
- WILLIAMSON, O. E. The economics of governance. *The American Economic Review*, v. 95, n.2, p. 1-18, 2005.